



### A DEFINIÇÃO DO CAPIRA EM QUIRINÓPOLIS-GO: INFERÊNCIAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Marília Silva Vieira (UEG-Campus Quirinópolis)<sup>1</sup>  
[vieirasmarilia@gmail.com](mailto:vieirasmarilia@gmail.com)

Gisele Dias da Silva (UEG-Campus Quirinópolis)<sup>2</sup>  
[gzyellydias3@gmail.com](mailto:gzyellydias3@gmail.com)

**RESUMO:** Esta pesquisa trata do “falar caipira” no sudoeste de Goiás. O ponto de partida serão trechos de entrevistas com informantes da zona urbana, que, embora residam na cidade, ainda apresentam fortes traços da variedade supracitada. O objetivo é analisar as percepções que os alunos de uma escola pública em Quirinópolis (GO) têm a respeito dos fenômenos de variação do sudoeste do estado e, assim, averiguar o grau de identificação demonstrado pelos discentes. Será adotado como aporte teórico o trabalho seminal de Amaral (1976), além de pesquisas cuja linha teórica mestra são a Sociolinguística Variacionista e a Sociolinguística Educacional, a partir de Labov (2008), Scherre (2005) e Bortoni-Ricardo (2011). A princípio, foi elaborada uma pequena introdução sobre o falar caipira, com a canção “Chico Mineiro” (Tonico e Tinoco), que apresenta variações como *mulher~muié* e *planta~pranta*. Os discentes, em contato com ocorrências dessa natureza, demonstraram aversão e até mesmo certa dificuldade de responder algumas questões relacionadas à canção. Diante desses resultados, procedeu-se à aplicação de uma sequência didática sobre variação linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crenças e atitudes linguísticas. Falar caipira. Quirinopolino.

**RESÚMEN:** Esta investigación trata de la habla caipira en el suroeste de Goiás. El punto de partida serán fragmentos de entrevistas con informantes de zona urbana que, a pesar de vivir en la ciudad, todavía presentan fuertes rasgos de la variedad estudiada. El objetivo es analizar las percepciones que los alumnos de una escuela pública en Quirinópolis (GO) tienen cerca de los fenómenos de variación del suroeste del estado y, así, comprobar el grado de identificación demostrado por ellos. Será adoptado como aporte teórico el trabajo seminal de Amaral (1976), además de las pesquisas cuya corriente maestra son la Sociolinguística Variacionista y la Sociolinguística Educacional, a partir de Labov (2008), Scherre (2005) y Bortoni-Ricardo (2011). Al principio, fue elaborada una pequeña introducción sobre la habla caipira, con la canción “Chico Mineiro” (Tonico y Tinoco), que presenta variaciones como *mulher~muié* y *planta~prata*. Los alumnos, en contacto con ocurrencias de esa naturaleza, demostraron aversión y, hasta mismo, cierta dificultad de contestar algunas cuestiones relacionadas a la canción. Diante de esos resultados, se procedió a la aplicación de una secuencia didáctica sobre variación linguística.

**PALABRAS-CLAVE:** Creencias y actitudes linguísticas. Habla caipira. Quirinopolino

<sup>1</sup> Professora da Universidade Estadual de Goiás – Campus Quirinópolis

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Campus Quirinópolis

## 1 INTRODUÇÃO

Com base em dados de fala de informantes do sudoeste de Goiás, esta pesquisa abordará o falar caipira em Quirinópolis, uma cidade situada a cerca de 300 km da capital, Goiânia, no sudoeste de Goiás. O ponto inicial será a fala de algumas pessoas residentes na zona urbana, que, embora residam na cidade, apresentam fortes traços do falar caipira.

Quando o assunto é a heterogeneidade linguística, existem incontáveis pesquisas com o intuito de direcionar o ensino de língua, de maneira a potencializar e mobilizar o trabalho docente, com vistas a sanar o preconceito linguístico. Sendo assim, Gonçalves (2015 *apud* BRASIL, 1997, p. 26) diz que:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

É a união de teoria e prática que faz com que o ensino de língua, pautado pela desconstrução do preconceito linguístico tenha resultados positivos. Contudo, mesmo com políticas e documentos oficiais no sentido de extingui-lo, ainda é perceptível sua força, principalmente no ambiente escolar. Nesse sentido: qual será a concepção de língua do indivíduo em formação quando completar o ensino médio?

Nesse caso, a Sociolinguística tem um papel fundamental, pois apresenta alternativas fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa, possibilitando que o docente tenha uma postura mais científica frente ao desempenho linguístico do aluno. De acordo com Coan; Freitag (2010 *apud* LABOV [1972] 2008, p.184),

A Sociolinguística que Labov propõe é aquela com o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica.

Para ele, uma variedade de fala deve ser analisada de acordo com o meio social em que é utilizada. Antes de fazer pré-julgamentos a respeito de como o indivíduo fala, é necessário levar em consideração os fatores sociais, tais como sexo gênero, grau de escolaridade, faixa etária e região de origem do falante. Labov (1972), o precursor da Sociolinguística, desenvolveu, em Martha's Vineyard, pesquisas sobre o inglês falado, cujas descobertas contribuíram para o avanço dos estudos sobre a língua como objeto de construção social e possibilitou um novo olhar para compreender a sistematização das variações existentes na fala do indivíduo. Segundo o autor, não existe língua que não seja, por excelência, social, o que permite verificar, inclusive, as alternâncias linguísticas associadas a diferentes etnias, evidenciando o grau de associação da língua com a identidade dos seus falantes.

Mesmo com todas essas descobertas e eventualidades, ainda existe certo distanciamento entre essas perspectivas e a realidade em sala de aula, haja vista que a gramática normativa ainda é o norte da educação em língua materna. Outro fator relevante é a má formação dos professores de língua portuguesa, que, muitas vezes, ainda se pautam em uma concepção de língua que despreza a heterogeneidade e recusam-se a valorizar as variedades de seus alunos. A esse respeito, Ibiapina (2012 *apud* BORTONI – RICARDO, 2005, p.15) diz que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

De acordo com a autora, o professor tem o papel fundamental de mostrar o grau de importância dos processos de interlocução em sala de aula demonstrando aos alunos as diversas formas que a língua propõe e, isso consequentemente influirá no aperfeiçoamento da competência discursiva do falante.

Para expor o conteúdo, entretanto, o professor segue uma base curricular que direciona o seu ensino durante todo o ano letivo, na qual está previsto todo o material e até mesmo a metodologia a ser seguida em sala de aula. Automaticamente, são



apresentadas coleções de livros didáticos com o intuito de oferecer um suporte maior de acordo com o Currículo de Referência, estabelecendo uma parceria com o professor, com vistas a: acompanhar os novos métodos em sala de aula, tornar o ensino representativo e possibilitar o interesse pela leitura.

Esse é um aspecto constatado durante essa pesquisa perante a análise de alguns materiais didáticos utilizados por algumas escolas da região. Em tais coleções, as variedades linguísticas nunca são abordadas. Na coleção geral dos livros, o tópico é retratado brevemente no exemplar do 7º ano. De imediato, tal situação mostra-se problemática, já que os alunos que participam deste trabalho estão no último ano do ensino fundamental, época de transição para o ensino médio.

Em tal cenário, faz-se necessário um estudo aprofundado sobre a heterogeneidade linguística, a fim de que, ao saírem da escola, os discentes tenham uma formação linguística mais sintonizada com a proposta dos PCN's, que dizem:

É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana (BRASIL, 1998, p. 82).

O aluno deve, então, conhecer os graus de formalidade e ter consciência de que as diferenças linguísticas presentes no país constituem a identidade, a história e a cultura de um povo. Nesse sentido, Fontes (2013 apud BORTONI - RICARDO, 2004, p. 33) diz que:

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social.

Para a autora não existe uma concepção de fala que seja certa ou errada, e esses pontos de vistas são mitos que perpassam de acordo com os anos, mas que essas diferenças, sobretudo regional, constituem a identidade de uma população.



Com base nessas premissas, esta pesquisa preocupa-se em analisar a percepção linguística de alunos de uma escola pública de Quirinópolis (GO) ao se depararem com trechos de fala de informantes da zona urbana, mas que apresentam traços do falar caipira. O objetivo principal é discutir a variação linguística em sala de aula, sobretudo o conceito de falar “caipira”, com base em dados de fala da região.

Nesta pesquisa, alguns problemas foram levantados para se discutir o ensino de língua materna na escola analisada, entre eles: quais os possíveis fatores que podem levar o aluno do ensino básico a demonstrar preconceito em relação ao falar denominado caipira? Para esse questionamento, uma das hipóteses aventadas está relacionada à mídia, já que ela tem grande poder de persuasão e de influência em relação às atitudes linguísticas do indivíduo. Ainda que haja uma defesa superficial das diferenças linguísticas, a televisão brasileira, em especial as novelas, exibem personagens estereotipados, especialmente nordestinos e caipiras, em cuja caracterização observam-se sotaques jocosos e até mesmo construções agramaticais.

Outras perguntas pertinentes a essa pesquisa assim se delineiam: Qual a definição de caipira na visão dos alunos em formação? Hipoteticamente, para o indivíduo em formação, o caipira pode ser taxado como quem reside na zona rural, que utiliza roupa xadrez, chapéu, botina, apresenta prosódia “meio lenta” e alguns estereótipos linguísticos, como o [r] retroflexo? Seria possível considerar a existência de uma realidade puramente urbana em Quirinópolis, dadas as influências que a cidade sofre do meio rural?

Além do mais é necessário saber por que diversos professores de Língua Portuguesa ainda não se esmeram em desenvolver mecanismos de ensino a partir da variedade linguística que os alunos levam consigo para a sala de aula? Para isso surgem diversas hipóteses relevantes, dentre elas, a falta de conhecimento sobre a importância desse ensino para a conservação da cultura do país, pois para Amaral (1976) o falar caipira tende a desaparecer mais rápido que se imagina. Isso tem uma parcela relevante do ensino em sala de aula que geralmente é influenciado pela metodologia tradicional de Língua Portuguesa calcada na gramática normativa, defendendo a existência de



somente uma forma “correta” de falar, em que, automaticamente as outras são incorretas.

Outro questionamento para essa pesquisa está relacionado à prática de exemplificar variações linguísticas a partir de personagens como Chico Bento e os possíveis impactos negativos na percepção dos alunos em relação ao falar caipira, já que o personagem possui fortes traços desse dialeto, e geralmente é utilizado por professores de forma cômica e não como meio de ensino das diversas formas de falar a mesma coisa, e isso com certeza influi nas crenças e atitudes linguísticas dos alunos em formação, já que o contato com essas variedades é superficial e, muitas vezes, inadequado.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho se concilia com as pesquisas de Bortoni- Ricardo (2005), que acredita que a contribuição dos estudos sociolinguísticos para a educação é fundamental. A realidade é que, se um indivíduo entra em contato com um grupo que fala diferentemente dele, em princípio, pode haver certo estranhamento, situações que devem ser problematizadas por uma educação de língua materna sintonizada com uma visão de língua que se possa definir como social.

Levando para a sala de aula trechos de fala ou materiais relacionados ao falar “caipira” vê-se certa aproximação de dialetos, já que os alunos podem não se identificar com essa linguagem, ainda que o sudoeste de Goiás ou até mesmo o estado, de modo geral, principalmente na perspectiva de residentes das capitais da região sudeste e sul do país, seja definido como caipira.

Entre os aspectos que se relacionam à fala descrita por Amaral (1976) e os trechos de falantes do sudoeste goiano, sobretudo o quirinopolino, está o fato de a prosódia ser mais lenta, característica que pode ser explicada pelo estreitamento de vogais. O caipira apoia-se demoradamente nas vogais, de modo a provocar elisões, que

se caracterizam pelo processo de modificar o vocábulo a partir da eliminação de um fonema, juntando-se ao próximo termo.

Em entrevistas realizadas com quirinopolinos, foram encontrados trechos como “*teve coisa que a gente alembra sente soudade...*”, em que a ocorrência de *alembra* (lembra) resulta de um metaplasmo, a prótese, definido como um fenômeno que consiste no acréscimo de um fonema, nesse caso o [a], no início de um vocábulo. No trecho supracitado, o verbo *ter* foi utilizado informalmente no lugar de *haver*, quando o falante diz “*Teve coisa...*” fenômeno da sintaxe apresentado por Amaral (1976). Também ocorre nos áudios o uso do vocábulo *soudade* (saudade), que se encaixa no processo de assimilação, resultante da redução do ditongo [au] ao fonema [o].

Em outro trecho analisado, a informante expressa-se assim: “Era de conzinhadim na bera dos corgo a gente ia...”. Nota-se que, em conzinhadim<sup>3</sup> há a redução do sufixo prefixo *-inho*, que passa a ser pronunciado como *-im*. Além disso, há um [n] no meio da palavra, processo definido como epêntese vocálica para Amaral (1976), fenômeno evidente nos processos fonético-fonológicos verificados na evolução do latim para o português, fato que se deve enfatizar, pois deixa claro que se trata de um fenômeno comum na história da língua portuguesa e não constitui uma característica exclusiva de pessoas da zona rural ou cujo falar seja influenciado por tal variedade de fala.

Há também a expressão *bera* (beira), que se encaixa no grupo vocálico que é reduzido a [e] quando precedido de [r], encontrado também na fala de informantes do interior paulista. A palavra *corgo* é bem frequente no dialeto de quem residiu ou ainda reside na zona rural. Em contrapartida, observa-se que tal vocábulo já caiu em desuso, uma vez que algumas pessoas não tem conhecimento dessa expressão. No trecho *dos corgo* (dos córregos), observa-se que também há falta de concordância nominal.

Observa-se também: “Cuidano ali fazeno umas fornainha...é lavanu umas vazinha. No caso de *lavano* (lavando) e *cuidano* (cuidando), em que é possível verificar a queda da oclusiva [d] na sílaba final das formas verbais (Vieira, 2011a). Tal fenômeno

---

<sup>3</sup> **Conzinhadim:** expressão utilizada para referir-se a algum alimento cozido ou fazer comida, e, na modalidade culta é conhecida como cozidinho.



é utilizado mais escolarizadas, sobretudo as que concluíram o ensino superior, fato que permite considerar que o nível de escolaridade poderia não ser um fator determinante para identificar o falar caipira.

Outro fenômeno encontrado diz respeito aos termos vaziinha (vasilhinha) e fornainha (fornalhiha), no diminutivo e iotização, decorrente do enfraquecimento do fonema [λ], que passa a ser articulado como [i] (Vieira, 2011b; Costa, Aguilera, 2006). A iotização, conforme descreve Amaral (1976, p.11), é característica do processo de formação língua portuguesa:

O vocabulário do dialeto é, naturalmente, bastante restrito, de acordo com a simplicidade de vida e de espírito, e, portanto, com as exíguas necessidades de expressão dos que o falam. Esse vocabulário é formado, em parte: *a)* de elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais se arcaizaram na língua culta; *b)* de termos provenientes das línguas indígenas; *c)* de vocábulos importados de outras línguas, por via indireta; *d)* de vocábulos formados no próprio seio do dialeto.

Tem-se também o intuito de observar o que os alunos em formação pensam a respeito desse falar e quais características devem ser consideradas para identificar um indivíduo como “caipira”. Vale ressaltar que existem inúmeras pessoas que residem na zona urbana, mas que possuem uma linguagem com traços da zona rural, o que suscita outro questionamento: Quais as possíveis características que permitem a manutenção do estereótipo (LABOV, 1964) caipira?

Nessa perspectiva, é preciso considerar os falantes que residiram muitos anos na zona rural e mudaram-se para a zona urbana. Nessa alternância, a variedade do falante sofre certa modificação, como demonstra Bortoni-Ricardo, ao definir o que denomina como *rurbano* (2011, p.12): “A transformação de dialetos rurais em variedades urbanas não padrão [...] está no âmago dos processos de mudança linguística e padronização da língua no Brasil”.

Mais à frente, Bortoni-Ricardo (2011, p. 12) diz que:



Os migrantes rurais que se estabelecem nas cidades são semiletrados e falam variedades regionais e rurais do português que exibem surpreendentemente um alto grau de uniformidade – se considerada a imensa extensão territorial do país- e que tende a amalgamar-se com as variedades urbanas não padrão.

Geralmente, as pessoas que se mudam da zona rural não possuem um grau de escolaridade muito alto. Além disso, apresentam uma falar distinto daquele da zona urbana. Com esse contato, o que vai ocorrer é a mescla desse falar com a variedade urbana de menos prestígio.

As pessoas estão buscando outras maneiras de viver, talvez com mais facilidade e até devido as influências tecnológicas, as necessidade de tratamentos médicos, a busca por melhoria de vida e maior conforto, levam determinados residentes da zona rural migrarem para a cidade e esses indivíduos acabam se adequando a linguagem apresentada pelo novo lugar de moradia.

Em um dos polos do contínuo, estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam a maior influência dos processos de padronização da língua, como vimos. No espaço entre eles fica uma zona rurbarana. Os grupos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que são submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Em todas as variedades apresentadas pela autora existem particularidades, a rural e a urbana, mas com a união dessas duas surgiu então a rurbarana, que representa a junção desses dialetos, e o que ela chama de semirurais são as comunidades do interior que residem em pequenos distritos e são influenciados pela linguagem da zona urbana.



### 3 MATERIAL E MÉTODOS

Embora esta pesquisa esteja em andamento, já foram executadas, durante o Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, algumas etapas atinentes à obtenção dos resultados.

Em princípio, procedeu-se basicamente à observação da turma, a fim de analisar as possíveis concepções que os discentes possuíam a respeito do falar “caipira”. Em um primeiro momento, foi-lhes apresentado o tema variação linguística. Diante disso, a professora de língua portuguesa garantiu que eles haviam estudado esse vocábulo no início do ano, porém, alguns discentes desconheciam o assunto.

Assim, foi feita uma breve introdução sobre o assunto. Em seguida, a turma foi levada para a sala de vídeo da unidade escolar, onde foram exibidos alguns slides com personagens da literatura e até de telenovelas reconhecidos por fortes traços caipiras, inclusive na forma de se vestir e de se comportar na sociedade. Desse modo, eram especificadas as particularidades de cada personagem, bem como a história da sua criação e a influência da mídia acerca de sua aceitação pelos telespectadores.

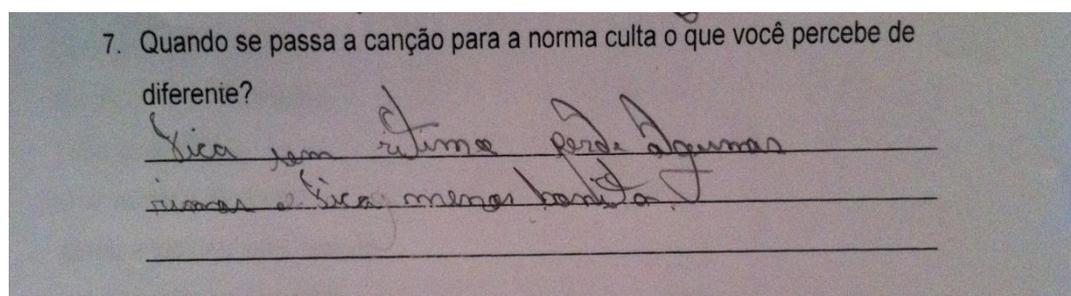
De modo geral, o que se observa é que o caipira é motivo de riso, contribuindo para um círculo vicioso perene. Como conclusão dessas aulas iniciais, foi exposta a eles a canção “Chico mineiro” (Tonico e Tinoco), que apresenta ocorrências específicas do falar caipira, como: *alembro* > *lembro* - prótese, *urtima* > *última* – sonorização de um fonema surdo para um sonoro; *viajemo* > *viajamos* – modificação de uma vogal, substituída por outra; *caboco* > *caboclo* – síncope; *delorido* > *dolorido* – substituição de uma vogal por outra; *vendeno* > *vendendo* – queda oclusiva de [d]; *passemo* > *passamos* – substituição de uma vogal por outra; *nois* > *nós* – epêntese, ocorre também a falta de pluralização em determinadas orações, como: “*viajemo muitos dia*”, que são fenômenos divergentes que causaram certa ojeriza por parte dos discentes que acharam até engraçado essas expressões, já que não tinham certo conhecimento aprofundado sobre as diferenças linguísticas entre os falantes e o grau de importância que elas representam aos costumes de um povo. Após a exibição de um vídeo com a letra e a descrição de

fenômenos linguísticos presentes na canção, partiu-se para uma sessão de atividades com respostas pessoais e que mantinham relação direta com a letra recém-discutida.

#### 4 RESULTADOS

Durante a atividade, foi notória a dificuldade dos discentes em responder as questões propostas, e o mais surpreendente é que as respostas foram basicamente as mesmas, ou seja, a percepção da turma converge no que diz respeito à identidade caipira, tanto no que tange ao modo de se vestir quanto ao modo de falar. Alguns alunos até mesmo consideram engraçada essa variedade. Em uma das questões apresentadas, pediu-se que eles reescrevessem a letra da canção de acordo com a norma culta. Em seguida, o discente deveria dissertar sobre as diferenças existentes entre as duas variedades e relatar sobre uma possível descaracterização da letra da canção quando removidas as características originais.

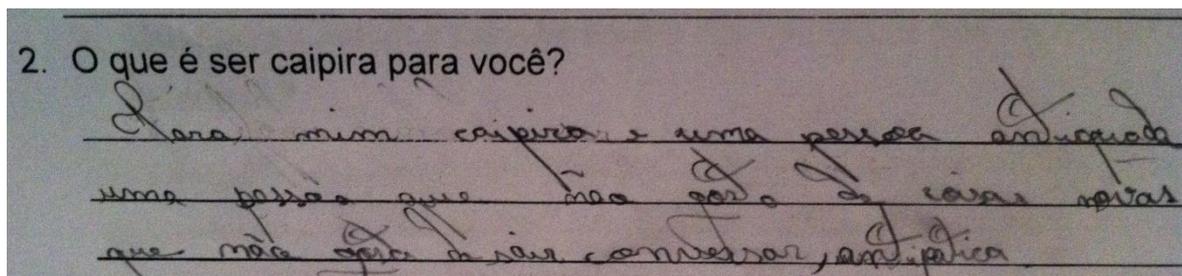
A esse respeito, uma aluna percebeu que a escrita perdeu certa beleza ao ser transcrita para a norma culta. A pergunta foi a seguinte: Quando se passa a canção para a norma culta o que você percebe de diferente? Uma das discentes respondeu: “Fica sem ritmo, perde algumas rimas e fica menos bonita.”



Fonte: Material pesquisado

Figura 1- Resposta de uma discente sobre a letra da canção

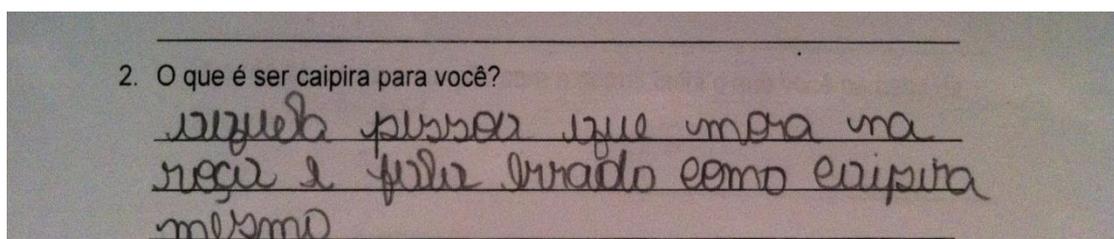
Mas essa mesma discente entrou em controvérsia quando perguntada sobre o que é ser caipira: “Para mim, caipira é uma pessoa antiquada, uma pessoa que não gosta de coisas novas, que não gosta de sair, conversar, antipática”. A partir disso, é possível endossar a premissa de que a definição de “caipira” ainda se apresenta bastante confuso e/ou distorcido.



Fonte: Material pesquisado

Figura 2 – Definição de caipira dada pela aluna mesma discente

Outra aluna afirma que “caipira é aquela pessoa que mora na roça e fala errado como caipira mesmo.”



Fonte: Material pesquisado

Figura 3 – Resposta de outra aluna sobre o falar caipira

Nota-se que, para essa discente, o “ser caipira” limita-se ao local em que se habita e à variedade linguística utilizada. Os demais alunos demonstraram certa aversão às atividades propostas e, de imediato, identificaram o “caipira” pelo jeito de falar,



vestir-se, comportar-se e morar na zona rural, um discente não identificou nenhuma relação entre sua própria variedade e a que consta na letra da canção, mas quando foi pedido para que reescrevesse a letra para a norma culta, traçou várias palavras da mesma maneira que constava na letra, mesmo com os fenômenos presente, mostrando certa identificação encoberta, alguns disseram se sentir influenciados por ver outras pessoas falando algumas expressões caipiras e por isso adquirem esse hábito, outros discentes consideraram o dialeto caipira um “jeito especial” de falar as coisas, admitem gostar de fazenda, andar a cavalo, beber leite no curral, mas não se identifica com essa linguagem por ser diferente.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo trabalhou com a percepção de discentes de uma escola pública em Quirinópolis, Goiás, a respeito do falar caipira no sudoeste do estado. Ao analisar o grau de identificação que apresentam quanto ao falar caipira, foi possível averiguar uma forte inclinação dos alunos à valorização de uma identidade urbana, já que muitos fizeram comentários jocosos diante da canção apresentada em sala, demonstrando aversão ao falar caipira.

A partir disso, o questionário aplicado teve como intuito proporcionar à turma um novo conceito de língua, baseado em sua heterogeneidade. Ressalta-se o fato de que os alunos, embora residam em uma cidade com influências rurais, avaliam como negativos os fenômenos de variação típicos do falar caipira, o que sinalizou a necessidade de uma intervenção teórico-metodológica, norteada em preceitos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972).

Aqui, cabe salientar que, para os discentes, a dicotomia *campo x cidade* parece associar-se a uma outra *norma culta x falar caipira*, questão problematizada pela sequência didática aplicada à turma. Por situar-se em uma cidade cuja variedade linguística é rurbana (Bortoni-Ricardo, 2005), a fala quirinopolina apresenta características tidas como caipiras, como uma prosódia mais lenta (AMARAL, 1976). O



fato de os alunos supervalorizarem o urbano, embora estejam circundados por elementos de ruralidade, pode representar uma fuga ao seu contexto de origem e à sua identidade linguística.

### REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. **Dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **Do campo para a cidade:** estudos sociolinguísticos de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011, p.12.

\_\_\_\_\_. **Educação em Língua Materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004, p. 33 e 52.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Documento preliminar. MEC. Brasília, DF, 2015.

COSTA, S. A. M.; AGUILERA, V. A. **A iotização no falar paulista**. [S.l. s.n], 2011. Disponível em [http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2006\\_g/textos/001.htm](http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2006_g/textos/001.htm). Acesso em 14 de novembro de 2016.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008, p.184.

LABOV, W. **Estágios na aquisição do inglês standard**. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Org.). Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 49-85. Edição original: 1964.

VIEIRA, Marília S. **Apagamento de /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual**. Campo Grande: Web-revista Sociodialeto, 2011a. Disponível em <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/9/28092011063729.pdf>. Acesso em 14 de novembro de 2016.

\_\_\_\_\_. **Taboco: um estudo sociolinguístico do gênero**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado. Campo Grande, 2011b.

Recebido Para Publicação em 30 de maio de 2017.

Aprovado Para Publicação em 13 de julho de 2017.